



Por um PSOL socialista e independente

TESE AO VIII CNPSOL – FORTALECER O PSOL, LRP E INDEPENDENTES

Cada geração,
dentro de uma relativa opacidade,
tem que descobrir sua missão,
cumprí-la ou traí-la.

Frantz Fanon

Crise Estrutural do Sistema-mundial

1. Pensar a humanidade em junho de 2023, em meio a uma crise estrutural do Sistema Mundial Capitalista, nos obriga a fazer escolhas de temas, uma vez que nossa civilização cresceu, desenvolveu tecnologias e ferramentas que, há 50 anos, ninguém teria imaginado que alcançaríamos. Temos satélites aos milhares, turismo espacial e Big Techs que prometem dirigir nossas vidas. A nossa capacidade de produzir alimentos é extraordinária (9 bilhões de toneladas de grãos em 2019), até parece que nossa espécie é imbatível, que estamos predestinados a um só caminho: o do progresso prometido pelo Capitalismo, o do reino da abundância e de um verdadeiro paraíso.
2. Os avanços que parecem ser grandes conquistas de nossa civilização também expõem nossa incapacidade de coordenar, administrar e colocar todo esse “progresso” a serviço da espécie humana e da teia da vida. Na verdade, o oposto parece estar em curso. As informações e pesquisas demonstram que estamos destruindo as possibilidades de boa vida na terra para todos os seres.
3. A exploração da natureza e da classe trabalhadora advêm de uma mesma força: tal avanço tecnológico servirá também para jogar na miséria boa parte dos 800 milhões de pessoas que terão seus empregos automatizados pela uberização, até 2030. O responsável por essa situação extremamente contraditória é o próprio Sistema. Portanto,

as elites e os governantes não buscam caminhos para sua superação, mas sim, por políticas que acelerem a destruição da teia da vida e a concentração da riqueza nas mãos dos 1% que mandam no mundo.

4. Nossa tese parte desse pressuposto: por ser um sistema oposto à reciprocidade, o Capitalismo sempre tira mais do que dá, seja da classe trabalhadora pela mais-valia, seja da natureza pelo extrativismo que a tudo esgota. Com isso em mente, na sequência descrevemos os fatos da realidade que comprovam nosso ceticismo em relação a busca de saídas por dentro do Sistema Capitalista e seus regimes decadentes.
5. Em 2007 tivemos uma das maiores crises financeiras de todos os tempos, uma superacumulação de capital sem precedentes com quebradeira geral em 2008. A bolha imobiliária dos subprimes, o Banco Lehman Brothers, fundado em 1850, além de várias outras grandes instituições financeiras, viraram pó. A queridinha da América, montadora GM, que começou a ser negociada na bolsa em 1978, viu suas ações em 2008 caírem mais 96%, entre tantas outras empresas que decretaram falência. A saída do governo americano foi injetar trilhões de dólares na economia para salvar o sistema financeiro e suas empresas, atingindo picos históricos de endividamento público.
6. Aumentou-se, assim, a concentração de renda e riqueza em todos os países. Tivemos as maiores ondas migratórias de populações se dirigindo para países centrais, fugindo da crise econômica, do desemprego, da miséria e da fome intensificadas pela emergência climática.
7. Em 2011, a classe trabalhadora e a juventude se mobilizam numa explosão de indignação em todo o norte da África, Oriente Médio, Europa, EUA, e em muitos outros países. As esquerdas se renovavam em lutas antiausteridade que combatiam os mecanismos de dívida pública lucrativos para os ricos. Eram os movimentos Indignados na Espanha, e o Occupy Wall Street dos EUA. Mas, a resposta dos governos e de setores da elite burguesa, foi aprofundar a política neoliberal e estimular sentimentos xenófobos, racistas e nacionalistas contra as minorias e os imigrantes que buscavam fugir dos efeitos da crise produzida pelo próprio sistema financeiro.
8. Postergada por políticas de investimento público e social aplicadas pelo governo Lula II – medidas que serão muito difíceis com o atual Novo Teto –, a crise se intensificou no Brasil somente depois de 2013. Mas não foi menos severa do que nos países de origem, já que nenhuma nação saiu ilesa dessa grande crise estrutural. E afirmamos que segui-

mos sofrendo os efeitos dela e que as propostas para superá-la só tendem a agravar a situação dos povos e acelerar a destruição da natureza.

9. Mais tarde emergiria outra crise brutal: a pandemia da COVID-19. Com origem ambiental, escalou para uma crise econômica e sanitária que ceifou pelo menos 20 milhões de vidas e, proporcionalmente, mais que a média no Brasil. Na contramão da explosão do negacionismo neofascista, vimos a volta do Estado na reorganização de empresas e da vida cotidiana, nos déficits gerados para gastos sociais, além de solidariedade crescente entre comunidades que tiveram que cooperar para sobreviver.
10. Já havia surgido a vertente política mais perigosa para a humanidade, fruto do capitalismo financeiro decadente: o Neofascismo. Trump, Bolsonaro, Duterte, Orban, o Vox, na Espanha, e o pinochetismo no Chile, são partes de um mesmo fenômeno que se alimenta de uma sociedade em franca decomposição.
11. Outra questão dessa conjuntura é a solidariedade, ativa e permanente, em defesa dos povos oprimidos. A denúncia à política genocida e terrorista aplicada por Israel contra o povo Palestino, merece todo o nosso apoio e nossa máxima solidariedade. Outro ponto que a esquerda deve se posicionar, é em relação a perseguição que os EUA fazem contra Julian Assange. O PSOL precisa assumir uma campanha contra a extradição e por sua liberdade.
12. Mesmo com cerca de 1000 kg de produção de grãos por habitante ao ano, a fome, que sempre foi sistêmica, volta a assolar 1 a cada 10 pessoas no mundo, enquanto cerca de 30% sofrem de insegurança alimentar. Os serviços públicos são cada vez mais precários e a utopia da redução de horas de trabalho postulada por Keynes se mostrou improvável no capitalismo: sobem as horas de superexploração.
13. A esquerda respondeu a tudo isso com os movimentos mais açoitados pelo neofascismo: a luta das mulheres, do movimento negro, da classe trabalhadora precarizada, da população LBGTQIA+, dos indígenas, dos partidos de esquerda e dos ambientalistas foram capazes de imprimir derrotas a Trump nos EUA e a Bolsonaro no Brasil. Todavia, tais grupos ainda tiveram limitações para influenciar o programa das esquerdas sociais-liberais pelo mundo, chamadas também de uma vertente do neoliberalismo progressista.
14. Já a saída apresentada pelas elites e os políticos da ordem, é estimular as guerras e os conflitos. Querem, mais uma vez, levar a humanidade a uma carnificina, que dessa vez tem o risco real e potencial de nos levar à extinção.

15. O caso da Ucrânia é o maior exemplo dessa política criminoso do imperialismo Ocidental. A OTAN, braço armado dos EUA e da União Europeia, avançou, desde o fim da URSS, para o Leste europeu, colocando bases militares nos países que outrora eram área de influência soviética. A política dos EUA é evitar que Alemanha e Rússia tenham maior integração, estimular o nacionalismo ucraniano e uma campanha contra a multipolaridade.
16. Essa crise reflete a dependência europeia de matrizes energéticas fósseis: uma dependência da importação de natureza, em especial em forma do gás russo ou dos fertilizantes russos e ucranianos. Assim, a inflação impacta os países desenvolvidos, gerando desigualdades de forma aterradora. Sob os ditames do Capitalismo do século XXI, os países do Sul não chegaram ao desenvolvimento, mas o Norte é que parece estar se subdesenvolvendo.
17. A outra estratégia dos EUA é estimular uma corrida armamentista que favoreça seu complexo industrial militar. Por isso, a OTAN determinou um aumento de 2% no orçamento de seus membros, o que beneficia diretamente sua economia a uma produção desnecessária para o bem-estar da vida na terra. A política dos revolucionários deve ser organizar manifestações pelo fim da OTAN.
18. Com os embates dos EUA contra a China, vemos a ascensão de um tipo de Guerra Fria, da qual nenhum país poderá se abster. O que está no centro dessas provocações é a crise econômica e financeira do Capitalismo, além de temas de geopolítica, segurança alimentar e energética. Emerge o desespero dos EUA, já que estão perdendo sua hegemonia com o enfraquecimento do dólar. Esses ingredientes apontam para um mundo muito mais convulsionado, com possibilidades de guerra, até mesmo nuclear, além de mais crises e, conseqüentemente, mais destruição e sofrimento.
19. Nesse sentido, só a superação do Capitalismo pode salvar a humanidade. Portanto, devemos abrir espaço a um novo programa de esquerda, que carregue as lutas históricas por igualdade, emancipação do trabalho e socialização da riqueza. Esse programa deve considerar e organizar a luta Feminista, LGBTQIA+, Antiproibicionista, dos Bens Comuns e Tecnologia Aberta, Economia Solidária, o Bem Viver, a luta dos povos indígenas, Pessoas Com Deficiência, o Decrescimento, Reforma Agrária Agroecológica, o Quilombismo, o Antirracismo, Serviços Públicos Universais e tantas outras lutas. Unificando todas essas lutas num caráter totalizante, “um por todos, e todos por um”.
20. Nesse ponto, estamos convictos que a superação não é a busca desenfreada por mais

lucros, tecnologias concentradoras ou mais armas letais. A superação desse impasse é no terreno político, e é preciso construir uma nova sociedade baseada na boa vida em comunidade: para tal, as esquerdas consequentes precisam abandonar a política de conciliação de classes e do “melhorismo” dentro do regime burguês. Só a mobilização, a aliança entre todos os seres e a solidariedade internacional entre os povos e nações, podem apontar para a superação desse sistema que põe em risco a existência da humanidade.

O Brasil no Sistema-mundial

21. Sem a invasão no Brasil, a Europa não teria se tornado o centro do Sistema. A modernidade branca e eurocêntrica, assim se impôs por meio do colonialismo e da violência, e ainda exerce o seu poder através da opressão de gênero, do racismo contra nossas culturas e do encarceramento em massa do povo negro e pobre, assim com, com o extrativismo que pilha terras de comunidades tradicionais, e com a dependência econômica. O projeto a se implementar deve ser antirracista e antiproibicionista, ecosocialista, feminista, LGBTQIA+ e decolonial.
22. Podemos seguir sendo um país sem protagonismo internacional ou podemos ser uma potência verde, e uma alternativa para o Sul global. É preciso Amazonizar o planeta e a política, como nossa militância defendeu na Conferência da Amazônia do partido. Uma vez que o desmatamento foi ampliado em 78% com Bolsonaro, vencê-lo foi também uma tarefa planetária. Hoje a floresta está sob o iminente ponto de não retorno e autodestruição. Com isso, somente a Amazônia aumentaria a temperatura global em mais de 0,1° C, dificultando as metas do acordo de Paris e as possibilidades da boa vida na terra.
23. O gradativo fim do capitalismo fóssil o torna cada vez mais bruto e com taxas estagnantes de crescimento. Todavia, o crescimento capitalista não constitui mais uma saída, uma vez que a grande novidade histórica é que mais excedente de produção constitui menos segurança para a humanidade. A tarefa socialista, dessa vez, se tornaria totalmente diferente: é necessário diminuir a pegada ecológica dos países imperialistas contra a biosfera, abrindo espaço para os países do terceiro mundo suprirem as demandas de suas populações evitando o aumento das desigualdades, o racismo ambiental, o despojo e a xenofobia.
24. As populações, historicamente marginalizadas, e as organizações da classe trabalhadora foram novamente protagonistas do freio de emergência puxado contra Bolsonaro e um dos maiores movimentos de extrema-direita do mundo.

25. A vitória, porém, se deu também com uma aliança que ia da esquerda socialista até figuras como Armínio Fraga e Simone Tebet. Como já pode ser visto, as frações conservadoras dentro do governo passam a predominar nas políticas aplicadas, confirmando a tese de que governos de coalizão são um fracasso pelo mundo inteiro, algo explícito no golpe de 2016, que parece se repetir com Gabriel Boric no Chile.
26. Entendendo que só a mobilização constante pode contornar a crise da democracia liberal – algo já compreendido pelos neofascistas –, temos o presidente colombiano Gustavo Petro. Já no início de sua gestão apresentou reformas das pensões, da saúde, laboral e tributária. Chamou a população para a participação e avançou com a reforma da saúde, aprovou a reforma tributária e um Plano de desenvolvimento trilionário.
27. O Lula III, porém, aposta no gradualismo sem participação popular. Contudo, a importância regional do Brasil torna essencial o sucesso do governo em um projeto de integração econômica, social e ambiental, o que ajudaria a frear os contra-ataques da extrema-direita no Brasil e na América Latina. Já detectado pelo campo conservador, o calcanhar de Aquiles de Lula emerge principalmente na pauta econômica e ambiental, nas formas que exploraremos adiante.
28. A política externa, com o não alinhamento direto aos EUA em diversos assuntos e a questão Rússia-Ucrânia; a aproximação com a China; e a aparente adesão a uma política terceiro-mundista com a proposta de integração regional com uma moeda alternativa, se expressam como as jogadas mais ousadas até então. Porém, a falta de avanço da consciência política de uma população que já foi radicalmente contra políticas neoliberais como a ALCA, pode também ser um ponto fraco com uma eventual volta da extrema-direita à Casa Branca.
29. A aposta aparente é centrada na atração de investimento externo. Essa tática aumenta a dependência – a China já domina vários setores logísticos na Região e amplia a megamineração. Isso demonstra um rompimento com o programa histórico neo-desenvolvimentista com aposta no mercado interno do PT, e se coloca como uma aproximação ao neoliberalismo da direita Tucana.
30. É preciso evitar que a força popular galvanizada na vitória contra Bolsonaro torne-se um verniz social e carismático de um neoliberalismo progressista. Os movimentos protagonistas na vitória de Lula não se contentarão na ausência de reformas que mudem as estruturas da desigualdade.

Política Nacional

31. Nossa classe protagonizou uma das maiores vitórias dos últimos tempos ao derrotar eleitoralmente Bolsonaro em 2022. Contudo, a tentativa de golpe por parte das forças fascistas em 8 de janeiro, apoiada por militares, bem como, a orquestração dos atentados e ameaças nas escolas, demonstraram que precisamos nos preparar para grandes enfrentamentos contra a extrema-direita, organizada nacional e internacionalmente.
32. O golpe de 2016 foi parte do projeto de frações da burguesia nacional em aliança com setores internacionais, com claro objetivo de manter o país subordinado aos interesses das grandes corporações do imperialismo. Não podemos esquecer que os EUA implantaram escutas na comunicação de Dilma e espionaram a Petrobras. Também se relaciona com o golpe, a prisão de Lula, para tirá-lo da disputa eleitoral, e a destruição da indústria nacional com a operação Lava Jato. Tal processo abriu caminho para as forças conservadoras voltarem a governar o país.
33. Como antecedente ao golpe, vemos a falta de entendimento da esquerda hegemônica sobre o esgotamento do modelo de governos de coalizão. Dilma ameaçou, em 2013, tomar a frente dos imensos protestos de rua – à época ainda com pautas de esquerda –, com 5 propostas como resposta, a maioria com forte teor democratizante. Com ataques da mídia e setores conservadores, retirou as propostas e enfraqueceu a esquerda nas ruas. A direita aproveita o vácuo e se constitui como um movimento embrionário de massas já com traços neofascistas.
34. A tradicional direita neoliberal, porém, não calculava que a extrema-direita operava em paralelo, manipulando as massas pelas redes sociais e num mundo manipulado das fake news, apoiada por setores neopentecostais corruptos, milicianos e militares; e tampouco, que virariam um movimento social. Essa combinação garantiu a vitória de Bolsonaro em 2018 e um crescimento eleitoral exponencial para a direita conservadora e neofascista.
35. Foram seis anos de desmonte do Estado e do já, praticamente inexistente, sistema de bem-estar social, em um país extremamente injusto, racista, machista e com uma das maiores concentrações de renda e riqueza do mundo.
36. A vitória de Lula foi sentida por milhões como um alívio, um tempo para reorganizar e definir os rumos do país. A votação recorde e histórica foi constituída junto da população e com apego afetivo aos melhores momentos de seus governos. Fato simbolicamente demonstrado na festa popular da posse no dia 1º de janeiro.

37. A resposta política da coalizão vencedora foi forte, com a prisão de 1.500 golpistas que invadiram e depredaram as sedes dos Três Poderes em Brasília, e a intimação de 80 militares, entre os quais três generais suspeitos de participar da tentativa de golpe. Porém, tais iniciativas ainda são insuficientes para a necessária desbolsonarização das instituições.
38. O governo mostrou firmeza já de início: atacou o problema do genocídio Yanomami colocando a extrema-direita na defensiva. Aprovou R\$145 bi para gastos sociais. Bolsa Família, o Auxílio Gás, a Farmácia Popular, a agricultura familiar, alimentação escolar, entre outros investimentos essenciais foram recuperados. Lula III dava mostras de que seria expansivo e contra a narrativa de austeridade.
39. Lula ameaçou certa agressividade contra o Banco Central e seus juros escorchantes, ganhou o debate na sociedade em certo momento, mas isso não se materializou na tentativa de reverter a autonomia do BC, ainda que esse não tenha cumprido suas metas.
40. As coisas, porém, foram se redesenhando. Ao passo que tais investimentos foram se confirmando, aconteceram de forma fiscalista: Haddad espontaneamente decide por economizar R\$50 bi para “melhorar” o resultado fiscal em meio a um país em virtual estado de pós-guerra. Aparentemente para fazer caixa, o benefício de R\$150 prometido para o bolsa-família foi postergado assim como o reajuste do salário mínimo, só pago em maio.
41. Diante do acirramento da luta de classes e da crise nas instituições do regime democrático burguês, a Frente Amplíssima assumiu como estratégia de governabilidade as concessões à burguesia e ao fisiologismo parlamentar, tentando repetir a mesma receita do passado. Essa aliança tem se revelado, mais cedo até do que o esperado, como uma amarra para a efetivação de políticas de melhora das condições de vida do povo. Essas opções políticas terão graves consequências, podendo levar a mais crise, facilitando a volta do neofascismo com força de massas nas ruas e nas instituições do Estado.
42. Mesmo em Ministérios ocupados pelo PT, a receita neoliberal está presente, como ocorre na Fazenda e na Educação. Camilo Santana (PT) compôs o Ministério com representantes das Fundações Empresariais e vem atendendo às suas agendas, como no caso da manutenção da reforma do Novo Ensino Médio, reforma essa combatida com veemência pelos estudantes e educadores(as).
43. Em parte, pressionado pela direita, em parte de forma espontânea como já vimos, a gestão optou por diminuir sua margem de manobra aprovando um neoliberal Novo Teto de Gastos. Ele limita o investimento do Estado, e coloca sob restrição os bancos pú-

blicos (sem os quais a experiência petista passada não teria tido sucesso), a cultura, a saúde, a educação básica, piso dos enfermeiros, o Bolsa Família e prevê congelamentos para concursos e o funcionalismo público.

44. A extrema-direita mostra que não se desmobilizou e ataca também com pautas ecocidadas, como a destruição da Mata Atlântica e o Marco Temporal, algo não alcançado nem por Bolsonaro. Ao mesmo tempo, a velha direita piora, o já ruim, Novo Teto de Haddad.

45. É somente a mobilização política social que pode alterar a correlação de forças e construir as condições para a superação da crise e derrotar o bolsonarismo e o neoliberalismo. É preciso construir uma forma de governabilidade tensionada pela disputa aberta dos projetos políticos e econômicos, e alicerçada na organização coletiva.

46. É preciso construir as bases de uma correlação de forças que aponte para um novo projeto constituinte popular. O pacto da Constituição de 1988 já foi desconfigurado pelas forças conservadoras e não responde mais aos dilemas presentes nesse estágio da luta de classes. Diante do suposto projeto antissistema da extrema-direita, baseado em menos democracia, precisamos ser ousados ao defender reformas efetivas de participação popular na política e economia.

47. O PSOL tem o objetivo de reorganizar uma esquerda consequente no enfrentamento ao capital, defendendo o socialismo e uma verdadeira revolução nas estruturas de poder político e econômico. É imperioso assumir a tarefa de ser um polo de tensão à esquerda na política nacional, tal como tem feito a nossa bancada parlamentar, ao assumir uma postura de independência na prática.

48. O Lula III precisa dar certo, a desilusão política não é uma opção e será tenebrosa para nossa classe em toda sua diversidade. O povo brasileiro e sua vanguarda foram generosos em dar uma nova chance ao campo progressista. Se este governo seguir errando na economia, a direita retornará com mais autoridade. Mas, ainda há tempo de reverter essa postura.

Balanco da Gestão e Orientação: Em defesa da Independência do PSOL

49. Dado ao quadro levantado acima, é fundamental que o PSOL se mantenha atento e se coloque nitidamente em defesa do Governo Lula frente a qualquer ameaça ou tentativa de golpe da ultradireita.

50. Nossa luta contra o neofascismo deve se dar com a organização de setores estratégicos

da classe trabalhadora e dos movimentos sociais, e por meio de uma vigorosa batalha de ideias no seio da sociedade brasileira. As contradições da crise capitalista tendem a se desenvolver em uma luta cada vez mais decisiva em defesa da preservação da vida e da reprodução social. No Brasil, a Amazônia, sua diversidade e seus povos estarão no centro dessa disputa, que ficou evidente no esvaziamento dos Ministérios ligados a nossa Federação: Dos Povos Indígenas e Meio Ambiente. Nas cidades a sobrevivência é cada vez mais difícil para os que vivem do trabalho, com atenuantes para as populações historicamente marginalizadas. O PSOL deve estar, redobradamente, atento a essas questões e sua gravidade na formulação de sua tática para o próximo período.

51. Nosso partido deve apoiar todas as medidas progressistas propostas pelo novo governo que combate à exploração e a opressão da classe trabalhadora em toda sua diversidade. Além disso, é muito importante preservar a independência do psol em relação ao novo governo de frente amplíssima, composto inclusive por setores golpistas de 2016. Nesse sentido, nosso Partido e nossa bancada parlamentar federal tiveram acertos fundamentais: não ocupar cargos no novo governo, não apoiar Lira para presidência da câmara e o voto contrário ao novo teto de gastos. Diante desse cenário a reafirmação da independência de classe do PSOL passa por desautorizar a participação de qualquer filiado num governo de conciliação de classe.
52. Nas eleições 2022 alcançamos uma boa localização política. Acreditamos que apresentar uma candidatura própria poderia ter conferido uma maior capacidade de pressão programática, ainda que considerando possíveis movimentações táticas diante da conjuntura. Uma postura altiva ajudaria a construir nossa identidade por meio das candidaturas aos governos estaduais e ao senado. A falta de protagonismo independente fez com que não nos colocássemos como alternativa à fragilidade das candidaturas de Freixo no Rio de Janeiro, e de Haddad e França, em São Paulo, por exemplo. O PSOL cresceu, mesmo que de forma vegetativa, ampliando em três deputados sua bancada federal, ganhando autoridade política no processo e superou a cláusula de barreira.
53. Nosso Partido segue sendo referência para setores de massa da classe trabalhadora, da juventude e para o conjunto dos setores historicamente marginalizados. Porém, a dificuldade de darmos um salto para a influência de massas, não apenas eleitoral, se deve a dois fatores: 1) Um objetivo, a existência do PT, que ainda segue sendo um Partido eleitoralmente de massas e dirigindo grandes organizações de classe do país para uma política desmobilizadora das lutas. 2) O outro, subjetivo, depende exclusivamente de

ter uma direção que oriente o partido para a conformar uma grande militância orgânica.

54. A extrema-direita veio para disputar os rumos da sociedade, nas urnas e nas ruas. Não será uma organização frouxa e desarmada politicamente e organicamente, que terá capacidade de vencer essa luta e ao mesmo tempo apontar a necessidade de superação da destruição capitalista.
55. A correta política externa de Lula, não ficará sem resposta do imperialismo estadunidense. As tentativas de golpes seguirão, não somente pressionando governos como o da Bolívia ou mais recentemente o da Colômbia. E não podemos ser um Partido estritamente parlamentar, que vive de eleições e congressos. Precisamos de um Partido para a luta diária do povo brasileiro.
56. A atual direção é incapaz de garantir essa tarefa, pois conduz o Partido através de uma fração da maioria, desrespeitando o Congresso do Partido e sua militância. Os organismos não funcionam, desde a Executiva, que se reúne somente de 2 em 2 meses. A direção cotidiana se resume a dois ou três dirigentes, que não foram eleitos com essa atribuição. O regime do Partido é burocrático. O funcionamento da Comissão de Ética é, por vezes, instrumentalizado pela maioria para punir possíveis opositores.
57. O Setorial de Mulheres funciona e elabora política para nossas companheiras em nível nacional, mas a violência política de gênero por vezes é tolerada e escamoteada pelas diversas forças políticas. Vide o que aconteceu com a Secretaria Nacional de Comunicação, que sequer tinha acesso às senhas das redes do Partido, mesmo sendo eleita pela instância máxima do partido, que é o congresso, para ocupar tal função. A destituição da presidenta do Amazonas, que teve seu cargo e direitos políticos cassados sem sequer ser ouvida, é um procedimento digno dos tribunais dos piores regimes burgueses.
58. As filiações em massa, sem critérios, são práticas recorrentes e método normalizado e institucionalizado. Nossa avaliação da gestão do PSOL neste último período passa necessariamente pela crítica ao modelo híbrido do VII Congresso, onde participaram 5 mil militantes nos debates online e na votação foram mobilizados 50 mil filiados, com um critério político duvidoso. Uma distorção que um partido de esquerda deve combater. Não podemos seguir nesse rumo. A esquerda precisa de militantes organizados e armados com a melhor política, porque cada vez mais os embates exigirão compreensão dos fatos e engajamento nas atividades.

Temos um enorme desafio pela frente. Precisamos trabalhar para unificar nossa ação, com o objetivo de nos tornarmos uma referência anticapitalista de massas no país e no continente latino-americano. Para isso, propomos:

- 1.** Superar a fragmentação interna revolucionando nosso funcionamento;
- 2.** Respeitar a proporcionalidade em todos os espaços de direção a organismos de base. Reuniões semanais e virtuais da Executiva. Uma maior frequência para as reuniões da Direção Nacional, com maior número de reuniões conjuntas da Executiva Nacional e Banca da Federal.
- 3.** Buscar uma atuação mais unificada de nossa juventude, apresentando uma alternativa organizativa e consciente do partido;
- 4.** Fazer um esforço no sentido de unificar nossa intervenção Sindical, orgânica e politicamente, hoje dissolvida em várias centrais;
- 5.** Fortalecer os setoriais, mas ao mesmo tempo subordinando-os a orientação e as prioridades do Partido;
- 6.** A diversidade de pensamentos no PSOL é um patrimônio da esquerda e a política de altos pisos de assinaturas para teses cerceia o debate e inviabiliza a participação de setores menores que poderiam ajudar na elaboração coletiva.
- 7.** Revolucionar nossa comunicação, criando um conselho editorial que respeite a proporcionalidade e a correlação de forças definida nos Congressos. Impulsionar debates, através de um Programa, podcast, etc. que incorporem todas as forças do partido. Dar corpo ao Partido nas manifestações e lutas sociais, estimulando a militância a aparecer com estética unificada do partido. É necessário que as direções chamem a militância a constituir colunas unificadas, com bandeiras e faixas com eixos programáticos. Isso não significa suprimir as organizações do partido, pelo contrário, devemos atuar unificados sem perder a riqueza de nossas organizações.
- 8.** Reconstrução da Escola Marielle Franco, com atividades de apresentação do PSOL para novos filiados, promoção de grandes debates e seminários sobre temas importantes, formação marxista, e cursos de diversas naturezas, desde oratória, atuação em mídias sociais para militantes de base e quadros, etc.;
- 9.** Organizar a militância em núcleos e/ou plenárias nas cidades visando o debate político e mobilização;

10. Construir uma ampla campanha em favor do REVOGAÇÃO das medidas que foram aprovadas pelos governos Bolsonaro e Temer, atacando conquistas dos trabalhadores, a democracia, a participação, a transparência do Estado e o desmonte das políticas de combate à fome. Um REVOGAÇÃO que promova, também, a interrupção do acesso descontrolado a armas e munições, a revogação do programa de privatizações e do desmonte dos órgãos de controle e fiscalização, como no caso da Funai. O REVOGAÇÃO deve servir como parâmetro de exigência e luta do PSOL e sua militância em todas as áreas de atuação, no Congresso Nacional, no movimento sindical, e nos movimentos de Mulheres, dos Povos originários, LGBTQIA+ e no movimento negro etc. Um exemplo desta luta já está ocorrendo com a Campanha REVOGA NOVO ENSINO MÉDIO, que foi imposto pelo governo de Temer e que o governo Lula resiste em revogar.

